

# OUTRA RELÍQUIA RELIGIOSA PORTUGUESA ACHADA NA RODÉSIA DO SUL <sup>(1)</sup>

POR ROGER SUMMERS

TRADUÇÃO DE LUÍS PINTO GARCIA

Há algum tempo *Moçambique* publicou a descrição duma imagem de Nossa Senhora, em marfim, trabalho de origem goesa, mas que foi encontrado numa antiga mina de ouro na Rodésia do Sul. Uma relíquia, igualmente interessante, está exposta, ao lado do marfim, no Museu Nacional da Rodésia do Sul, em Bulawayo. Trata-se duma *Bráctea* de ouro figurando a representação do Sagrado Coração. Tem 34 mm. de diâmetro e pesa 5,9 gramas. Mostra uma densidade de 17,7, mostrando ser de ouro quase puro (pois é de 19,2 a densidade deste metal nobre).

O disco foi trabalhado em *repoussé*, batido pelo lado do reverso, relevando-se o pormenor a buril.

Como se pode observar na fotografia, representa-se o Sagrado Coração de Jesus adorado por dois pelicanos (antigos símbolos da Paixão de Nosso Senhor) encimados por um conjunto de curvas e pontos que, um exame mais acurado, mostrará ser uma coroa.

Antes de entrar em detalhes de técnica e figuração, alguma coisa deve ser dita sobre a origem desta relíquia. Encontrava-se numa colecção de Cecil Rhodes, entre os seus bens particulares que, por sua morte, ficaram a seu irmão, o Senhor F. W. Rhodes, de Dalham Hall, Suffolk, Inglaterra. Quando este cavalheiro faleceu, estas relíquias transitaram para a Sociedade Comercial Rhodes e, finalmente, por deferência dos Arquivos Centrais Africanos, foram depositados no Museu Nacional. A proveniência do objecto é, portanto, conhecida desde 1901 e, no catálogo que descreve estas relíquias,

---

(1) Este artigo, da autoria do Senhor Roger Summers, conservador da Secção de Antiguidades do Museu Nacional da Rodésia do Sul, de que temos separata, veio a lume no documentário *Moçambique* n.º 83, de Setembro de 1955, e foi impresso na Imprensa Nacional de Moçambique, em Lourenço Marques, em 1955.

é ele descrito como «moeda de ouro achada em antigas explorações no distrito de Umtali».

Sabe-se agora que algumas antigas relíquias europeias vieram de Umtali (1), a Manica dos antigos portugueses, mas a descoberta, que tudo indica ser a da presente relíquia, descreve-se assim, em Hall e Neal, em *Antigas ruínas da Rodésia* (1902):

«Moeda ou medalhão de ouro do tamanho de uma moeda de cinco xelins (2), tendo gravadas numa face, duas águias combatendo aos lados dum coração (últimamente na posse do Dr. Jaureson», pág. 146).

Esta moeda particular foi encontrada nas ruínas de Dhlo-Dhlo pela Companhia das Antigas Ruínas, uma empresa que ocasionou mais estragos às ruínas rodesianas em 6 anos do que houve nos anteriores 60. Dhlo-Dhlo está aproximadamente a 230 milhas (370 quilómetros) a ocidente de Umtali e torna-se difícil saber como ocorreu a confusão, mas as descrições condizem de tal maneira que não é fácil aceitar a correcção da nota do catálogo de Rhodes, muito principalmente porque outras relíquias religiosas—um cálice de igreja amachucado, um anel de sinete com uma cruz e alguns outros fragmentos, que podiam ter pertencido a um sacerdote cristão—foram também achados em Dhlo-Dhlo. Seja como for, a relíquia, de que damos reprodução, veio de algures na Rodésia.

Voltemos à sua figuração. É este um assunto de muito maior interesse e importância do que à primeira vista parecia. O Senhor Luís Pinto Garcia (3),

(1) Uma moeda de Seis dinheiros da Rainha Isabel de Inglaterra veio de antigas explorações em Odzi; vide J. F. Schofield (1925)—*As antigas explorações do Sudeste de África* (Native Affairs Depart. Annual n.º 3 pág. 5, Salisbury, Rodésia do Sul).

(2) Uma moeda inglesa de Cinco xelins tinha 36 mm. de diâmetro.—N. N. do A.

(3) De facto, o illustre Autor escreveu-me em Janeiro de 1954 e eu respondi-lhe o seguinte entre outras considerações:

• . . . . . A relíquia não é um medalhão mas uma bráctea de carácter religioso.

• É um trabalho. . . . . ou executado por portugueses em África ou por negros, vivendo em território debaixo da soberania ou influência portuguesa, ou por indo-portugueses e neste caso, trazido da Índia, O seu estilo é claramente indo-português. Esta, como outras relíquias, creio eu, pertenceram a missionários portugueses que se estabeleceram no Monomotapa. É perfeitamente natural que ela tivesse aparecido nas ruínas de Dhlo-Dhlo, próximo de Bulawayo, onde existiu uma missão portuguesa.

• As ruínas de Zimbané, Van Niekerk, Klami, Dhlo-Dhlo, Mtoko, Naletale, etc., a primeira principalmente, muitas surpresas nos reservam ainda. Os Portugueses conheceram, mas conheceram bem, toda a África Central. E o Monomotapa foi uma paixão e uma obsessão de séculos.

• O ouro, amarelo, é macio, porque esta espécie de trabalhos é sempre executado em ouro fino. Trata-se dum trabalho em «repoussé». A pequena e delgada lâmina foi batida do reverso com um punção repuxado do averso e, seguidamente, trabalhada a cinzel.

• Não conheço qualquer relação entre o buraco quadrado ao centro e as preguetes de ouro que são achadas em quantidade, como diz, em todas as ruínas da Rodésia do Sul, em Dhlo-Dhlo como no

de Castelo Branco, a quem a fotografia da *bráctea* foi enviada, emitiu o parecer de que se tratava dum trabalho de Moçambique ou de Goa, feito provavelmente por algum artifice indígena e que remontava ao fim do século XVII ou princípio do XVIII. Apenas eu tinha recebido esta opinião, mandou-me o Senhor G. B. da Graça, de Salisbury (Rodésia do Sul), uma fotografia duma moeda de 15 Réis do rei D. João V, cunhada em Moçambique, cerca de 1725 (vide fotografia).

A coroa do anverso desta moeda tem pontos de semelhança com a da *bráctea* rodesiana, mas atendendo a que o desenho existente na moeda foi obra de alguém familiarizado com o modelo europeu adulterado de uma coroa com flores de liz levantando-se duma faixa, a *bráctea* foi executada por alguém que nunca viu uma coroa e adoptou o motivo em forma de U como base de uma dupla espiral de tipo africano. Existe ainda uma porção de linhas e pontas sem sentido, que podem pretender ser arcos duma coroa «Imperial», mas que têm o efeito de satisfatoriamente preencherem a metade superior do desenho.

Os pelicanos e o Coração parecem ter sido copiados dalguma fonte europeia, mas os detalhes das cabeças, olhos e penas são algum tanto africanos na técnica.

Estou, assim, inclinado a concordar com a opinião do Senhor Pinto Garcia, que esta peça foi mais provavelmente feita em África do que na Índia (1).

Se bem que a veneração do Sagrado Coração só recebesse a sanção papal em 1763, essa prática foi largamente patrocinada pelos Jesuitas, aproximadamente um século antes (2) e, desta maneira não parece improvável que esta

Zimbané. O buraco é de origem. Foi feito pelo artifice quando executou a *bráctea*. O disco de ouro era seguro por uma pregueta num cepo ou sobre um pedaço de cera, pois sobre madeira ou sobre cera se fazia esta sorte de trabalhos e não é outra a verdadeira origem do buraco. Pelo menos, eu penso assim.

•Suponho que a *bráctea* data dos fins do século XVII ou, mesmo, princípio do seguinte.

•Parece, à primeira vista, tratar-se dum objecto muito mais antigo, pela existência nele de muitos pontos e ainda, além disso, as aves aparentarem uma técnica igualmente antiga . . . . . mas a existência do Coração e da Cruz envereda-nos imediatamente para a época da sua manufactura. Poder-se-ia chamar a esta *bráctea* uma obra arcaizante.

•O Sagrado Coração foi, pela primeira vez, venerado em Portugal no século XVII e, logicamente pouco depois nas suas possessões (era uma época de colonização e de missionarismo) e, por isso, inclino-me a admitir, como acima disse, a época dos fins do século XVII, princípios do XVIII.

•As aves—2 águias—parecem hostilizar o Sagrado Coração, mas elas estão, de facto, venerando-O. Sobre o Sagrado Coração e a Cruz há um dossel em forma de coroa, em genuíno estilo indo-português, o que me leva também a crer ser a *bráctea* um trabalho goês.

•Pode V. Ex.<sup>a</sup> fazer uso desta minha opinião. . . . . — L. P. G. •

(1) Opinião mais pròpriamente do Senhor Summers do que do tradutor. Veja-se a nota anterior N. N. do T.

(2) Foi, por exemplo, prégada na Corte de Londres, presumivelmente na Lucear's Chapel, por Fr. de la Colombière, entre 1662 e 1688, (*Catholic Dictionary*—9.<sup>a</sup> ed.—1917, pág. 401).—N. do A.

reliquia rodesiana do século XVIII tenha resultado de inspiração jesuítica, visto que a Companhia manteve activo trabalho missionário em Moçambique até que foi extinta em Portugal e Colónias em 1759.

Termino exprimindo os meus agradecimentos aos Senhores Graça e Pinto Garcia pelo seu auxílio na preparação desta nótula e aos Arquivos Centrais Africanos e Museu Nacional da Rodésia do Sul por terem permitido o conhecimento da existência desta interessantíssima reliquia.



OUTRA RELÍQUIA RELIGIOSA PORTUGUESA  
ACHADA NA RODÉSIA DO SUL



N.º 1



N.º 2

NUMISMÁTICA INDO-PORTUGUESA



Bazarucos

